

29/5/71

Jose Bueno, S. Paulo.

Caro amigo, o problema da tradicao com abertura para o novo, tema explicito e implicito de tanta discussao nossa, se poe de forma violenta na Grecia, e no Mediterraneo todo. Os quatrocentos paulistas o tem, e os quatromiloes atenienses creio que explodem internamente procurando resolve-lo. Outro dia perdi os nervos e me comportei mal em reuniao com alta burguesia ateniense, e sua presenca me fez muita falta. Um medico irmao de exprefeito ateniense defendia um curiosissimo racismo helenico com desprezo pelos mulatos brasileiros, (desprezo filho de ignorancia), e com admiracao pelos judeus. Tal defesa era feita em mistura de frances com alemao, e a cara do medico nada tinha de apolineo, muito mais de rua 25 de marco. A despeito disto nao ha como negar que o espirito de Homero estava presente no Cognac servido. Outro exemplo: Num restaurante gra nadense discuti com quatro estudantes arabes a questao sionista. Estudavam em Berlin, um era libanes, dois algerianos e um iemeniano, e tinham ido para Granada afim de rever a gloria islamica da Alhambra e do Generalife. O pai da nossa discussao, (em alemao) era Marx, e separamo-nos tendo resolvido pacificamente todos problemas. Mas nao ha como negar que a voz do Profeta, tao nitida nos patios inacreditavelmente majestosos, nos inspirava a todos, e que a presenca quase fisica nao apenas de Avicena, mas tambem de Maimonides e Juda Levi influenciava nossos pensamentos. Em Granada nao pode haver Deus a nao ser Allah. E que dizer do violonista napolitano, (spala da orquestra Scarlati), que em Terracina defendia a pureza de Bach e o comunismo italiano? Isto na presenca do templo de Jupiter arcaico, (pre-romano, quica pre-etrusco). Conclusao: abertura so e possivel na tradicao, e quem nao tem tradicao, nao pode abrir-se. Creio que ambos sabemos disto, mas uma viagem mediterranea serve para torna-lo consciente. Permita que lhe fale de Siracusa. Se Alexandria e a Nova York grega, Siracusa e a S. Paulo. (Isto, se S. Paulo realmente tiver futuro.) Construccoes colossais talhadas em rocha, teatros majestosos, imensa cidade de populacao mista, (gregos, siculos, fenicios, negros, egipcios, judeus), dona da Sicilia rival de Atenas e Roma, grande opositora de Cartago e base da utopia platonica patria de Arquimedes, mas tambem de Dionisio, o tirano. Hoje, embora Dionisio e Archimede estejam sempre presentes ate na mente do maitre d'hotel, o que interessa e a mafia, as eleicoes para o parlamento siciliano, (ganharao ou nao os comunistas?), e principalmente o Fiat Topolino, (o atual substituto do igualmente minuscuro burrinho). Discussao com estudantes de letras classicas siracusanos: a moral siciliana, (principalmente a virgindade e o orgulho macho) coisificam a mulher, e nem sequer o marxismo consegue alterar isto. O milagre economico, (riqueza ainda nao digerida), o excesso de liberdade e a dissolucao dos costumes trazem confusao mental, (exemplo: a capa toda e "dei preti e del Vaticano"). O portavoz e Lampedusa, o Guimaraes Rosa siciliano. Que deu Siracusa? Que dara S. Paulo daqui a 2000 anos? Resposta: Arquimedes esta presente ate nos Fiat Topolino. (Para nao falar, evidentemente, nos Gamboni e no Marsala). Tanta coisa a discutir, por favor venham para Viena. Abracos para Eli e os meninos.

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 78 - TELEFONE 92-3281
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

São Paulo, 9 de novembro de 1971

Meu caro Vilem

Habitado como estou, a usar a palavra escrita para pleitear perante segundos interesses de terceiros, sinto certa dificuldade em expressar minhas emoções por êste meio.

Não posso, porém, deixar de lhe escrever para lhe transmitir a profunda emoção que me tomou ouvindo-o defender os valores que me são mais caros, nos debates havidos na sede da Federação das Associações Israelitas.

Sua posição, meu caro Vilem, foi a de um intelectual judeu, da estirpe daqueles que no século passado, alguns recém saídos dos getos, pregaram, com ardor profético e gênio, a igualdade dos homens e os seus altos destinos.

A estreiteza do pensamento dos seus oponentes, a imaturidade da assistência e, considerando as circunstâncias, o limitado alcance de suas palavras, não importa. O que você disse vale por si, como afirmação de valores humanísticos imperecíveis, que sempre atraíram sobre os seus defensores os ódios dos reacionários.

Cordialmente, o amigo

Quilmes de Aguiar

Caro amigo José,

sua carta de ontem coincidiu com uma espécie de ovação da qual fui vítima na Faculdade, por motivo de uma entrevista que dei para a "Folha", (sem saber que estava dando entrevista). A coincidência é realmente grande: em ambas ocasiões coube-me o papel de defensor de valores humanísticos, (isto é: dos da razão), contra obscurantismos reacionários, (isto é: contra o nacionalismo judeu num caso, o brasileiro no outro). Isto me reconforta sobremaneira. Por três razões distintas. A primeira é que o papel me foi atribuído por pessoas que prezam altamente: por uma amigo no verdadeiro sentido da palavra, e por alunos. A segunda razão é o fato de eu ter-me acostumado a vêr minha própria posição como reacionária, portanto ter sofrido em ambos casos surpresa agradável. A terceira razão é o motivo desta carta:

Quando ataquei o sionismo naquela reunião, estava atacando parte do meu próprio pensamento, parte que recuso com a razão, embora sinta seu atrativo irracional e perigoso. Daí a violência do meu ataque. Quando dei a entrevista publicada na segunda-feira, visava sem confessá-lo, (porque me faltava a coragem), o estabelecimento atual brasileiro, (e os alunos decifraram a minha mensagem). Pois também nesse caso senti ambivalência: assumi responsabilidade pelo que me parece ser nefasto no estabelecimento, porque me identifiquei parcialmente com ele. De maneira que em ambas ocasiões, (se forem tomadas isoladamente), a minha foi uma posição duvidosa. Adquire, no entanto, e por surpresa minha, coerência e consistência, se as duas ocasiões forem tomadas em conjunto. Esta: em ambas ocasiões enfrentei, não um opositor que me é alheio, mas uma faceta de mim mesmo, faceta que admito ser minha, mas que sei dever superar sob pena de decadência em irresponsabilidade.

Caro amigo: não pense que estou lhe escrevendo isto para gabar-me de um feito. Pelo contrário: escrevo isto, porque duvido que conseguirei repeti-lo. O atrativo do irracional, do emocional, do irresponsável, portanto do "anti-humanístico" no sentido correto do termo, é forte. Continuo vítima das solicitações não apenas do sionismo e do ufanismo brasileiro, mas de inúmeras outras formas de obscurantismo, algumas das quais menos obviamente nefastas. Não sou muito bem defensor da "clara razão do dia", porque a "obscura paixão da noite" em mim é forte. E sei que Você conhece muito bem, por experiência própria, o problema da divisão interna da qual estou falando. Unâmo-nos na tarefa difícil de combater o obscuro em nós, não negando-o, mas admitindo-o, afim de desarmá-lo. Não será isto união que merece o nome "amizade"?

Seja abraçado

4 11

VILÉM FLUSSER

Via Hasler 4, Maia Alta, Merano, Italia

Tel: 26103

Merano, 25 de 10 de 72

José Bueno, S.Paulo.

Caro amigo, tentativa de prestação de contas: (a) Aspectos externos: estamos há 3 dias no "nosso" apartamento. É o segundo andar de uma casa tipo Jardim América, modernamente mobilhada, (sem ofender o gôsto), situada em pomar amplo, dnado às costas a uma colina cheia de vinhedos, castelinhos góticos, (séc.14 e 15) e croada de floresta de pinheiros, e dando a cara para um vale vermelho e roxo, (côres de outubro), cercado de montanhas recém nevadas que brilham. Do meu escritório posso sorver essa beleza, tranqüilidade e cultura. Chegamos aqui depois de 5 meses de peregrinação tipo "busca do Graal", e eis-nos em Gierusalemme liberata. Mas há algo efêmero em tôrno dos Jerusaléns terrestres: amanhã seguiremos para Paris, afim de mergulharmos novamente nos acontecimentos. Por troppo. Porque os 5 meses de peregrinação não eram ida para o deserto, mas retôrno da montanha. E não entramos para dentro do mundo apenas passivamente para sorvê-lo: Holanda, Renânia, Taunus, Floresta Negra, Allgaeu, Bernina, Ticino, Trentino, Venezia Tridentina, Verona, Abruzzi, Ravenna, Toscana, (Com os Varças), Pré-Alpi, Alto Adige, Dolomiti, Lago Lemano, Jura, Brogona, Franche-Comté, Vosgues, Alsacia, Interlaken, Wengen, Leukerbad, etc,etc. mas também para agir nele: diálogos e discussões em Haia, Lausanne, Genebra, Veneza, Trento, e principalmente Paris. Conhecemos e aprendemos muito, (talvez demais), e também fizemos uma porção de coisas. Com efeito, já fiz, entre outras coisas: conferência em italiano em curso de férias para intelectuais, conferência em francês perante a AICA, apresentação de exposição em Lausanne, artigo para Cause Commune, proposta para Bienal de Paris, apresentação de escultor rumeno, entrevista para jornais e televisão francesa, rádio suíça, e canadense, e vou para Paris para continuar tal loucura. Com tudo isto viso três metas diferentes, talvez incongruentes: re-estruturar a Bienal, abrir campo para jovens brasileiros aqui, e abrir campo para a minha própria atividade. E a quarta meta, a da contemplação distanciada, está ficando cada vez mais encoberta. Quem sabe a chegada do inverno, com as estradas difíceis, vai contribuir para alcançarmos o isolamento. (b) Aspectos internos: Uma coisa é certa: estou mais equilibrado nos meus pensamentos. Dou ênfase mais bem distribuída às dimensões estéticas, éticas, (políticas), filosóficas e religiosas dos problemas que me preocupam. Embora continue perplexo perante eles, não sou tão desesperado. Talvez porque sinta o chão da realidade reaparecendo debaixo dos meus pés, e este chão é simplesmente uma sociedade e cultura que tem estrutura. Em outros termos e trocando em miúdo: aonde as coisas mesquinhas do dia a dia funcionam, posso desprezá-las, e pensar em coisas um pouco mais interessantes. É isto a "fé na realidade", e nada mais elegante. Para dar um modelo: se tenho dor de dente, sapato apertado e coceira no nariz, (minha situação em S.Paulo, mas também a de quase todos), não posso ouvir Mozart da mesma forma na qual o ouço em conforto. Não nego que ouvir Mozart com dor de dente, (ou com estômago vazio), é também experiência "válida", mas é diferente. Falta-lhe o "sentido da realidade mozartiana". Tentando dizer a mesma coisa em outros termos ainda: há um clima patológico, (alienado), que banha todas as coisas em S.Paulo, seja eufórico, seja fossal, e este clima está se dissipando no meu pensamento. O resultado é ambíguo: ganhei maior maturidade e responsabilidade, e estou perdendo em parte os vôos majestosos da fantasia. Estou ficando, ai de mim, mais "objetivo". O ideal seria adquirir a solidez do pensar europeu sem perder a plasticidade do pensar brasileiro. Mas o velho Hegel com sua consciência infeliz me ensina que tal síntese não é possível. Limitações da condição humana.- Por outro lado devo confessar que os problemas que me preocupam continuam os mesmos, e podem ser resumidos assim: como viver dignamente na situação na qual me encontro? Duas respostas irreconciliáveis: procurando mudá-la, e tentando adaptar-me a ela. A indignidade é justamente

VILÉM FLUSSER

querer dar as duas respostas ao mesmo tempo. A minha saída tem sido sempre a de teoretizar o problema. Agora estou procurando traduzir as teorias para a praxis em vários campos. Posso pelo menos tentar fazê-lo aqui, coisa impossível em S. Paulo. Mas pago evidentemente um preço por esta vantagem: a de estar perdendo contacto com a situação que existencialmente conta, por exemplo consigo. Também isto é teóricamente explicável: se quero manipular algo devo tomar distância, mas a explicação não consola. (c) Aspectos objetivos: Embora não tenham mudado os meus problemas, está mudando rapidamente a visão que tenho da situação, graças às coisas que aprendi, e graças à mudança íntima que venho sofrendo. Eis como vejo a coisa agora: o fato fundamental é o aburguesamento massificador do proletariado, e os movimentos de contestação são meros epifenômenos inócuos e desprezíveis. (Aliás, estão desaparecendo) O "progresso" económico, embora não seja contínuo e linear, é inevitável na Europa dos Nove, nos Estados Unidos e na Rússia, e, em futuro um pouco mais afastado, provavelmente também no novo bloco Japão-China. E tal "progresso" está aniquilando, pelo menos a curto prazo, toda esperança de um "novo homem", isto é: de uma vida que tenha significado. (Isto do ponto de vista dos que vivem em um dos quatro blocos decisivos). O resto da humanidade está condenado, a curto prazo, (para a nossa duração), a observar tal aburguesamento massivo com inveja de fóra. E, o que é pior, está condenado a nem sequer poder vivenciar os terrores do aburguesamento que está invejando. (Isto do ponto de vista de quem vive na América Latina, Ásia ou África). De forma que a alienação nos blocos centrais é a do homem não poder viver os verdadeiros problemas vitais, que são culturais e religiosos, não económicos e sociais; e a alienação nas periferias é a do homem nem sequer poder constatar a própria posição no meio dos acontecimentos. (Os jovens diplomatas brasileiros me contaram por exemplo das atitudes dos delegados centro-africanos perante os problemas na ONU em Genebra: são sinceramente inconscientes do fato que estão sendo manipulados, e também da total falta de importância das decisões que aparentemente tomam. São espetáculo tragi-cômico, típico da alienação que tenho em mente.) Resumindo, eis como se me oferece a cena: nos centros inconsciência massificada, nas periferias inconsciência pomposa do tipo Amin Dada de Uganda.- Como reagir a isto? Engajar-se em conscientizar a humanidade a despeito de tudo? Ser uma espécie de Erasmo em miniatura? Mas se o próprio Erasmo foi vencido por Lutero e pela contra-reforma? Que dizer dos Lutheros e das Contra-reformas da atualidade, tão muito mais eficientes? Sim: tentar ser Erasmo não obstante. Porque embora vencido, Erasmo continua vivo, e os pregadores do século 16 estão esquecidos. Com efeito: os pregadores, os conquistadores, os condottieri, e até os inovadores das artes e ciências só podem ainda influir atualmente em nós graças a Erasmo. Eis a decisão que tomei: tentar ser Erasmo, justamente porque não tem mais sentido conquistar, ou pregar, ou inventar, ou descobrir algo. É isto que queria comunicar-lhe, para ver como reage. Lamento profundamente que Vocês não vieram. E também, que nem sequer Você me respondeu a carta que mandei pelo Milton. Vê, por favor, que me responda pelo menos esta, e esteja abraçado, com todos os seus

VILÉM FLUSSER

Via Hasler 4, Maia Alta, Merano. Tel: 26103

Merano, 7/12/72

Meu caro José,

o Viki contou da sua vida e dos seus pensamentos, e a Edith está em constante contacto com a Ely, de modo que seu silêncio não representa para mim ruptura de diálogo consigo. Sei também que recebeu a minha segunda carta. Vou pois continuar a nossa conversa, embora unilateralmente: Não falarei nas inúmeras impressões e experiências pelas quais estamos passando, mas restringirei esta carta a dois assuntos: minha recente aula em Lausanne, e minha participação futura, (dia 11) de um seminário em Paris. (1) Na faculdade de letras de Lausanne existe cadeira semelhante à minha na Alvares Penteado, dirigida por René Berger, teórico de comunicação famoso, diretor do Museu e presidente da AICA. Os problemas tratados na cadeira visam a relação entre arte e "mass media". Há aproximadamente 50 alunos, (na maioria artistas e professores secundários), e as aulas são dadas pelo Berger, um assistente, e vários artistas convidados. Dois jornalistas acompanham as aulas e divulgam os resultados. O Museu dispõe de duas salas para expôr alguns resultados, e em tais salas são feitos happenings como experiências das quais o público participa. Os dois produtos mais importantes desse curso são trabalhos revolucionários com magnetoscópios, e trabalhos com TV que buscam descobrir a linguagem televisória. Falei sobre "Linha e superfície", (elaboração de tema sobre o qual mandei um artigo para o Milton), e salientei a diferença entre articulação linear, (verbal), e plana, (imagem). A conferência foi seguida de debate em nível inacreditavelmente maduro. Dois foram os aspectos que mais provocaram discussão: a ideologia escondida por trás de todo modelo, (inclusive do meu); e a validade de uma revolução estética em sociedade de consumo. A impressão minha foi de extraordinária abertura por parte dos assistentes, seriedade, modestidade e disciplina. Faltava, em comparação com o Brasil, a espontânea amizade e falta de reserva. Mas tinha-se a impressão que o que falei foi tomado muito mais a sério e trará resultado nos trabalhos dos presentes. Não havia pois a sensação da frustração que acompanha sempre as minhas aulas em S. Paulo. (Não esqueçamos que Lausanne é cidade provinciana do tamanho de Pinda.) Em suma: coisas estão acontecendo naquela faculdade, e vão contribuir para o futuro. (2) O Institut de l'Environnement do Ministère de Culture faz seminários sobre vários assuntos ligados ao problema do ambiente, em suas instalações moderníssimas em Paris. O próximo versa sobre "Art et Communication" e tem os seguintes temas: Berger: Para uma problemática do conhecimento em arte. Wiart: Psicopatologia em arte. eu: arte e ruptura cultural. Laude: Pensamento figurativo e África. Deguy: Poesia e comunicação. Pinoche: Apropriação da obra pelo público. Resnais: Ideologia de L'année dernière à Marienbad. Teyssède: A desestruturação da escritura. Ferrier: Informação no exemplo de Guernica. Clair: Medium e finalidade do produto de arte. Le Gac: arte como confissão. Duvignaud: Metáfora na comunicação. Forest: animação artística entre os participantes do seminário. Choay: Discursos do urbanismo. Guimar: Máscaras da morte no ambiente. Robbe Grillet: Linguagem expressiva. Mesa redonda. Minha tese será que a arte é uma das poucas possibilidades de restabelecer o consenso entre elite e massa, já que a arte comunica, (politiza), o privado. Paralelamente terei encontros com Ferrier, (editor da Denoel e do Express que se interessa por meus trabalhos), Duvignaud, (editor da Causa commune) e Nicolas Shoeffler (torre cibernetica de Paris). Podes pois imaginar o que significa para mim estar na Europa. Mas vocês estão nos faltando. Não se pode ter tudo. O que falta é o calor humano da amizade. Isto não se consegue mais na nossa idade. que, embora me realize muito melhor na Europa, sou, pelas minhas ligações humanas, totalmente brasileiro. Que isto seja apelo para que você crie vergonha e me escreva.

Seu

São Paulo, 20 de dezembro de 1.972

Amigo Vilém,

Recebi sua carta, uma autêntica prestação de contas, com grande prazer. Todavia, nas "contas" você lançou tantas "verbas" e "valores" que ainda não consegui fechá-las e, assim, saber se o resultado é positivo ou negativo. Contudo, intuitivamente, já concluí que o saldo lhe é favorável, pois, afinal, viveu todo este tempo intensamente. Aliás, para lhe ser franco, fico perplexo com sua coragem de fixar metas nesta altura da vida. Talvez meu espanto decorra do fato de eu ser mais velho que você e por isto já não ter tantas ilusões. O certo é que as ilusões são precisas para justificar a vida, que se transforma sem elas em uma marcha para a morte. Ora, meu caro todos nós sabemos e Jorge Luiz Borges já o disse, a morte é coisa que não nos diz respeito, não acontece para nós, mas apenas e tão somente para os outros. Por isto, viver sem metas é viver fora de si mesmo, é viver a vida dos outros, sem a sua participação. É uma forma incômoda de solidão que você escapa e na qual me encontro contra-minha vontade. São tristes coisas, que as religiões procuram remediar. Fixar com paixão religiosa metas terrenas é um característico do homem moderno. Erasmo, que você lembra em sua carta, era um homem religioso e nas suas lutas com os reformadores nunca foi posta em dúvida a revelação consubstanciada nos livros da bíblia. Não foi por outra razão que ele se dedicou tão longamente a tradução dos evangelhos.

Ao invés, o humanismo de hoje se aproxima dos livros da revelação com um inapropriado ferramental crítico, que os reduz a pobre condição de equivocadas obras humanas. Tudo isto me faz crer que o humanismo não prescinde da fé religiosa - ou, em outras palavras, que não é mais viável ao humanismo por - faltar ao homem moderno a dimensão religiosa. O vácuo religioso foi preenchido pelos fatos, que agora nos envolvem e nos comandam. A circunstancia deles serem essencialmente transeuntes tornou-se irrelevante, pois criou-se ideologias que os eternizam - através de um incessante nexos de causalidade, que se estende da pré-história ao futuro. E, de tal forma mudou o homem que aceita nos passivamente a agressão factual de todos os instantes, que nos tira para fóra de nós mesmos e, sobretudo, nos impede a "com-templação distanciada" que você pretende alcançar. Como ver de longe e de fóra fatos que o jornal e a televisão colocam mais próximos de nós que os mediocres dramas e alegrias dos nossos vizinhos de apartamento, que, de resto, sequer conhecemos?

segue ...

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

AVENIDA PIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 78 - TELEFONE 85-8804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

fls.2.

Acredito mesmo que o aburguezamento, o empobrecimento da cultura que você vê se estender pela Europa seja uma das consequências desta invasão da realidade na cultura. Talvez, a maior contribuição da burguezia seja precisamente esta: a valorização do que sempre pareceu nos homens transeunte e, portanto, indigno de ser valorizado. O paradoxal é que justamente a esperança de uma sociedade sem classes, ou seja, sem burguezes - desde que a nobreza e o clero submergiram na história, funda-se em ideologia que insere o homem na realidade circundante. Não queria agora, contestá-lo mas, data vênia, não percebo porque você precisa pisar um solo adubado por tantos milênios de misérias para se sentir tranquilo. A cultura é social apenas enquanto não assimilada. Depois disto é um dado individual, mantido e recreado na medida das características individuais de quem a porta. Ademais o problema da adequação de V.F. na cultura brasileira não se apresenta não somente porque a cultura brasileira não existe como um ente em si, como também porque você não está obrigado a semelhante ajustamento. O que existe de cultura por aqui é um reflexo mais ou menos pálido da cultura ocidental. A adaptação da cultura ocidental à terra tropical e a população de origem diversas que a ocupam, é uma outra coisa e por sua vez um problema cotidiano, apaixonante, cuja solução, se é que existe, está além de nossas vidas e mesmo da nossa imaginação. Viver diuturnamente este problema é inquietante, incômodo e por isto humano e digno. Aqui o questionamento do destino do homem e do homem é outro daquele que se propõe na Europa. Por ser outro não é pior nem melhor. Em conclusão meu querido Flussler, não consigo embarcar no seu barco, embora eu o ache seguro e confortável. Ademais tenho tido pequenas macacoas, depressões que tem me impedido de tentar mesmo a módica aventura de tomar um avião em Viracopos, descer em Roma e visitar meus bons amigos nas imediações do aeroporto de Fiumicino. Sentimos a viagem do Vic, de tal forma estavamos acostumados a sua presença em nossa casa, alegrando-nos com sua boa companhia. Morreu o Romy Fink, senti-o bastante. Comigo ele foi invariavelmente amável. Depois, sua fê inabalável na verdade revelada através da leitura de cifras de livros tão antigos, causou-me sempre espanto e admiração. A Mira está expondo aqui com grande sucesso no pequeno círculo de amigos de sua arte. O que é tristíssimo, pois ela alcançou agora uma esplêndida maturidade. A Mira levanta todos os problemas da arte atual e engloba-os em soluções simples e eficazes. O reordenamento dos símbolos é feito sem esforço aparente, tão naturalmente como eles se apresentarem habitualmente com a conotação que ela lhes dá. Vale a pena ver. Quanto a minha pessoa: arrasto vagarosamente o escritório, sem ímpeto e sem vontade de captar clientes e de brilhar no fóro. Tenho recebido suas cartas com enorme pra-

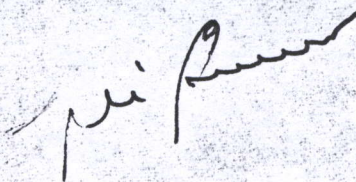
segue ...

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

9 B
AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 73 - TELEFONE 85-3804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

fls.3.

zer, repito. As notícias de suas atividades novas, como professor, não me surpreenderam. Você nasceu para isto e consegue verdadeiros milagres de comunicação. Não respondi antes suas cartas por motivos estranhos a minha vontade, e que por isto mesmo não sei explicar. Desejar-lhes-ia um bom Natal e um feliz Ano-Novo se estas datas não tivessem sido reduzidas a acontecimentos astronômicos, festejadas com alacridade pelos comerciantes. Apresente meus cumprimentos a Edith e diga-lhe que suas cartas dão muita alegria a Ely. Um cordial abraço do amigo,



VILÉM FLUSSER
Via Hasler 4, Maia Alta, Merano, Italia

Tel: 26103.

Merano, 4 de janeiro de 73

Meu caro José, obrigado pela sua carta do dia 20/12 que revela, um tanto inesperadamente, o fundamento religioso dos seus problemas, (e dos meus). "Inesperadamente", não por eu ter ignorado o fato, mas por eu ter ignorado o grau da sua própria consciência disto. Mas não será este aspecto básico de sua carta que será tema da minha. (O que não pode ser falado, deve ser calado.) Responderei a dois pontos levantados por você e que me preocupam. (1) Sua tese é, (se a interpreto bem), a seguinte: A cultura é um dado social, (o ambiente social no qual me encontro). Vivendo, vou absorvendo a cultura, (o ambiente). Absorvida a cultura, passa a ser dado psicológico meu, e deixa de ser dado social. Conclusão; absorvida a cultura, prescindindo de sociedade, (Sei que estou exagerando sua tese, mas faço-o para poder melhor argumentar.) Posta assim, a tese é insustentável por várias razões, das quais mencionarei três (a) A "cultura" é conjunto de "culturemas", organizado por determinada estrutura. Posso absorver a estrutura e organizar meus valores de acordo, mas jamais os culturemas. (Por exemplo: posso absorver a estrutura da Basílica de S. Zeno, mas jamais as pedras.) De forma que a cultura continuará sempre um dado externo. (b) A cultura é um conjunto dinâmico, (histórico), e exige, para ser absorvida, que eu a acompanhe. Se o faço, acontece um fato curioso: o já absorvido é constantemente modificado, (a estrutura da Basílica absorvida por mim muda constantemente). De forma que a cultura continua sempre um dado externo. (c) A cultura é um conjunto dinâmico, porque todos os seus participantes, (inclusive eu), e todos os que a cercam de fora a modificam constantemente. E a modificam por sua ação, mas também por sua paixão. (Por exemplo: o fato de eu ter absorvido apaixonadamente a estrutura da Basílica, muda a cultura). De forma que a cultura, embora dado externo, está em oposição dialética com aqueles aspectos seus que eu absorvi e que me são internos. Conclusão: Eu nunca posso "portar tranquilamente a cultura". Se o faço, ela deixou de sê-lo. Porque mais que dado externo, (ou interno), a cultura é tarefa. Com efeito: dada a imanentização atual, que você elaborou tão brilhantemente, a cultura é a única tarefa, a única ilusão, a única meta. (É verdade que você é mais velho que eu, creio que oito meses mais velho, mas não obstante a coisa vale para nós ambos.) Eis porque é bom pisar um chão adubado por tantos milênios de misérias: não para se sentir tranquilo, mas perturbado pela dinâmica da cultura. E eis porque é bom pisar um chão no qual a miséria não é adubo, mas safra. E você colocou muito bem tal meta em outras palavras: para questionar o destino do homem. (2) Sua tese é que a contemplação distanciada é impossível atualmente, porque para nós se fechou o espaço transcendente. (Reformulei sua tese de minha maneira, mas creio que continuo fiel ao seu pensamento.) Discordo por duas razões opostas. (a) A contemplação, (a visão teórica, formal, estrutural, eidética, ou qualquer sinônimo que você quizer), não se dá necessariamente a partir do transcendente. Posso contemplar também de baixo, isto é: a partir do núcleo em mim mesmo. Isto não é necessariamente cartesiano ou wittgensteiniano. Pode ser husserliano, existencial, ou estruturalista. E, com efeito, é tal visão que caracteriza a atualidade. (b) Não creio que o espaço transcendente se tenha fechado. (Continuamos judeo-cristãos.) Apenas atualmente tal espaço não está ocupado por Deus, ou pelas Ideias, ou pela Matemática, ou pelos Modelos, mas está vazio. E tal vacuidade reforça a contemplação, porque permite que a própria contemplação seja contemplada em redução ao infinito. (Creio que, formalmente, isto é o problema das classes das classes.) De forma que creio o exato contrário de você: a nossa é uma época das teorias. E isto não é tão bom como pode parecer à primeira vista. Implica crescente alienação da concreticidade.

Caro amigo: é ótimo conversar consigo. Há um substrato de concórdia nas divergências: a nossa amizade. Devemos cultivá-la. Abraço a Ely, os meninos, e mando lembranças à Mira. (Tudo isto da Edith e do Vi-

Teu amigo

ki.

Merano, 20/2/73

11

José Bueno, SP.

Meu caro José, por certo Viki contará sobre a nossa vida, mas aproveito sua viagem para manter a nossa correspondência pelo menos parcialmente em vida. Continuamos o nosso nomadismo, mas agora com o problema adicional que teremos que deixar Merano como ponto de referência em fins de março e procurar por morada durante o verão, coisa mais difícil que a invernal, dada a migração de povos chamada turismo. Ainda não formamos ideia, mas temos planos nebulosos que giram em torno do Jura e dos Pireneus. Quanto ao trabalho, o centro se cristalisou em Paris, mas não é lugar para se morar: a metrópole é cara, e os ban-lieux excessivamente distantes. Esta carta será sobre Paris, seus prós e contras.

Há sentido no qual ainda é capital do mundo. Há outro no qual New York, (e possivelmente Moscou), tomaram a dianteira. É capital do mundo no sentido da monumentalidade, da vivacidade e da beleza, e também no sentido de ser centro de comunicação do globo. Deixou de ser capital no sentido de centro de poder e de atividade inovadora nas ciências e artes. Isto confere à vida parisiense uma curiosa ambiguidade: atividade intensa aliada a um cinismo blasé e certo namoro com a morte. A decadência moral e estética que caracteriza a Alemanha está inteiramente ausente. E ausente está também aquele *laissez aller* italiano. Mas há, não obstante, no ar um certo clima de *s'enfichisme*, o qual, curiosamente, não freia as atividades criadoras, mas parece estimulá-las. Darei três exemplos: a situação política, a estética, e a "acadêmica" em sentido lato.

A direita, ("vagamente gaullismo"), fundamenta seu poder não apenas sobre um sistema eleitoral deturpado, mas também sobre o fato incontestável do dinamismo saudável da sociedade francesa. A renda per capita está em torno dos US\$3.500.-, e a distribuição da renda, embora ainda injusta, tende a equalar as diversas classes. O argumento da nova frente popular, (aparentemente dominada pelos socialistas que ressurgem poderosamente, mas na realidade manipulada pelos comunistas tradicionais), é que todo novo progresso econômico é besteira, e que se trata agora de elaborar uma nova "qualidade de vida". O movimento de maio de 68 é o modelo de uma "revolução insangrenta" a reformular as estruturas da sociedade por um marxismo marcussianizado, (isto é: freudizado). No meio, e surpreendentemente, está surgindo um centro com ideias novas das quais falarei mais tarde. As eleições de março, sequência das eleições italianas e alemãs, certamente reafirmarão, qualquer que seja o resultado, a liderança francesa na Europa dos nove. Talvez resultarão em novo modelo de vida política, como terceira alternativa à Rússia e Estados Unidos.

Em arte, embora Paris continue sendo lugar de inúmeras galerias e discussões intelectuais, os impulsos vêm todos dos Estados Unidos. Mas aí é preciso dizer duas coisas: A comunicação com New York é tão intensa que as coisas são dadas praticamente simultaneamente nas duas cidades. E Paris é ainda o lugar no qual as novas ideias estéticas são absorvidas intelectualmente e existencialmente. A neo-realismo, (ou hiper-realismo) e a arte cibernética (simulação de seres vivos), dominam a cena, e a utilização de materiais novos, (especialmente magnetoscópios e material eletrônico), dão à cena um aspecto ainda estranho a quem vem do subdesenvolvimento. Mas há também tendências tipo Mira, (procura de novos códigos), apenas com métodos bviamente muito mais avançados e arrojados. (Por exemplo cartões perfurados de computadores). Por cima de tudo isto paira a certeza que a "arte" precisa romper a barreira com a "técnica" de um lado, e a "política" do outro, para voltar a ser influência decisiva na vida da sociedade. O estabelecimento resiste a isto com sua censura econômica, mas está cedendo em vários pontos.

A filosofia está morta no sentido de ser acadêmica, (marxista e estruturalista), mas no sentido de inspiração científica, política e artística está poderosamente viva. E vem, surpreendentemente, do centro. Trata-se de retorno à fenomenologia, mas não no sentido ortodoxo. O ponto de referência não é apenas Husserl, mas também Freud, (tomado como filósofo), e Marx (tomado como iniciador de metodologia). A atividade é muito mais publi-

112
cista e realizadora que didática, e a filosofia se exprime mais em inúmeras revistas, filmes, conferências, e críticas de arte, que nas universidades. Esta é a maneira como os intelectuais driblam as estruturas arcaicas das escolas, mas o fenômeno é mais profundo. Trata-se de uma ruptura com a escolástica e o cartesianismo, (que é escolástico estruturalmente), e de uma nova busca de "canais" para a articulação do pensamento. Por isto a sua influência sobre a vida política e estética é mais imediata, e a gente fica literalmente inebriada por este clima febril de liberdade.

No entanto, repito, embora Paris seja inebriante, não é lugar para se morar para gente como nós. Toda vez que vou para lá fico exausto. As solicitações são tantas, e se dão em cenário tão estimulante, que não se consegue a mínima concentração necessária para um trabalho disciplinado. O ideal seria morar-se no campo, e manter contacto constante com o ambiente parisiense. Mas o se não é este: Paris exige contacto diário, se se quer realmente participar dos acontecimentos. Não resolvi ainda meu problema existencial: se quero me engajar, ou se quero trabalhar "contemplativamente".

O Brasil está desaparecendo no além do meu horizonte. Não apenas pelos fracassos pessoais que estou sofrendo nas minhas tentativas de engajar-me em prol das coisas brasileiras, (o Viki lhe contará isto), mas principalmente porque a problemática brasileira, embora humanamente próxima e perturbadora, deixa de ser interessante intelectualmente. Trata-se de problemas que "já foram" e que não podem ser resolvidos "in loco", mas em contextos amplos sobre os quais os brasileiros não têm praticamente influência alguma. A sensação de impotência e castração cresce na medida na qual se descobre que aqui estão tentando resolver os problemas do mundo, inclusive os brasileiros, sem terem a vivência de tais problemas. Por isto o Brasil me aparece muito mais em sonhos, (pesadelos), que nos momentos despertos. E quando leio, esporadicamente, jornais e revistas brasileiras, (aquí nada se publica), tenho o tormento do contacto com uma alienação gigantesca. Por favor, mantenha a correspondência comigo, para eu poder sentir ainda o pulsar vivo de uma realidade que está me escapando por entre os dedos. Seja abraçado, e abraços também à Ely e aos meninos.

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 73 - TELEFONE 85-3804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

São Paulo, 02 de março de 1.973

Meu caro Vilem,

Na ocasião da primeira viagem dos astronautas à Lua, o feito foi aqui discutido nas praças públicas com a maior paixão. Muitos negavam a possibilidade do homem ir à lua, afirmando que tudo não passava de um golpe publicitário dos americanos. Parece, porém, que a opinião mais sensata e menos objeável foi expressa por um popular: chegar à lua eles chegaram, mas não entraram ... Lembrei-me disto lendo suas impressões sobre a França e os movimentos políticos e intelectuais que a agitam no momento. Na verdade, como dizia meu patrício dos astronautas, a França chegou ao mundo moderno (US\$ 3.500,00 de renda "per capita") mas nele não entrou, (a aliança eleitoral entre socialistas e comunistas e quejandos). A França vive em função de uma história que não ultrapassou, que ainda a divide e a cega para o século. Ocorreu-me agora outro fato que caracteriza bem a visão do mundo do francês. Quando De Gaulle pôs termo a guerra da Argélia um grupo de oficiais do exército se rebelou e tentou tomar o poder. Entre eles se contava um aristocrata, o coronel Saint-Marc. Pois bem. Todos foram presos e na ocasião do seu julgamento a imprensa francesa informou que quando Riche lieu proibiu os duelos, um antepassado do coronel Saint-Marc, por debique, duelou com outro cavalheiro de sua casta e ambos foram, como era de se esperar, decapitados. Na França o passado está hibernando e sempre pronto para acordar no primeiro verão. Aliás você está assistindo um deles, muito quente e que como todo o veranico terá curta duração. Efetivamente, para um homem moderno, ocidental e mediante inserido no seu tempo, não há mais lugar nem para as utopias do socialismo francês, impregnadas das ideologias do começo do século XIX nem para as soluções autoritárias do comunismo da linha russa. O socialismo francês, é uma reminiscência dos partidos sociais democratas que a primeira guerra desmoralizou e liquidou. O comunismo da linha russa é uma violência ao ocidente europeu, e de resto, muito ineficiente como produtor de bens. Seria, ou melhor, já foi, uma solução para os países subdesenvolvidos. Hoje, nem isto, nem para isto serve. Mesmo neste confin do mundo o comunismo da linha russa não é visto mais como uma alternativa possível. Falava-se em Cuba, hoje falava-se aqui na China como modelo aceitável. Entretanto na França, malgrado a torrente de informações que cada francês recebe, o comunismo da linha russa é uma força. Atribuo

segue ...

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 78 - TELEFONE 85-8804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

f1.2.

isto ao gosto do francês pela "idéia", ao seu amor pelos mitos heroicos da revolução de 89. Falar, nesta altura, que ao homem moderno é dado elaborar uma nova "qualidade de vida" e em marcurssionar o marxismo é um engano. Veja bem - não é sonho - porque em política este não é admissível. Aqui cabe uma outra história. Como você deve ter ouvido falar, há alguns anos já está se tentando a aproximação com uma tribo primitiva chamada Kranhacãrore que vive nos nossos matos. Há pouco mais de dois anos os encarregados da aproximação deixaram na região dos Kranhacãrores machados, enxadas e outros objetos de ferro. Os aviões - que voaram sobre a região acabam de descobrir que estes índios, que antes faziam culturas reduzidas, de uma ou duas espécies vegetais, agora tem vastas roças e passaram a cultivar várias espécies de vegetais. O pulo da idade da pedra polida para a idade do ferro (instantanea por uma circunstancia exterior à história dos Kranhacãrores) mudou também suas relações com o meio em que sempre viveram. E, se fosse possível deixar os Kranhacãrores insulados e providos de utensílios de ferro, provavelmente eles passariam da propriedade coletiva para a propriedade privada e adquiririam as demais características do homem civilizado no tempo de uma vida. E, então, adeu, "couvade", danças rituais e outras delícias. Se isto fôr certo como eu acredito que seja, é mero delírio falar-se em uma futura sociedade de lazer, em diminuição da produção etc. etc.. O homem está fadado a produzir incessantemente e a perecer por indigestão decorrente do consumo. Não vejo uma terceira alternativa. A estrada é uma só e vai diretamente para a solução americana. E, como assim é, os subdesenvolvidos, por falta de meios, não são vítimas dos comicos equívocos europeus. Aqui e alhures, nos demais países nas nossas condições, procura-se febrilmente soluções que permitam aumentar a produção o mais rapidamente possível. E por isto, o realmente novo está acontecendo com os Kranhacãrores em particular e, em geral, com os subdesenvolvidos que estão em vias de mudar de estado. Tenho a impressão que o mundo passou a girar em torno dos EE.UU. há muito mais tempo do que se supõe. A última guerra apenas patenteou o que já era um fato pelo menos desde os anos que se seguiram à guerra de secessão americana. Não foi sem razão que o árbitro das elegancias parienses da belle époque, Boni de Castellane, casou-se com a pavorosa herdeira americana Ema Gould. Vale a pena ver o retrato do casal. São duas histórias estantes, ligadas pelo canal do dinheiro ou seja, do poder. Hoje Nova York produz e exporta arte e idéias. Paris as importa, mas tuga e re-exporta para o mundo. Pois, semelhante situação é nova, mas não muito, no terreno da arte. Basta saber que o "Armorial - Show" que equivale para os americanos à nossa tão badalada semana

segue ...

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 73 - TELEFONE 85-3804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

fl.3.

de arte moderna - realizou-se em Nova York em 1.912. Talvez a rápida assimilação pelos americanos da problemática da arte moderna e sua capacidade criadora e renovadora - se deva ao fato de seu mundo mental e sua estrutura social estarem adequadas aos tempos. A morte da filosofia acadêmica, da filosofia como pura indagação abstrata talvez fosse explicável pela avassaladora - influência do pragmatismo do pensamento norte-americano que pelo pouco que conheço de filosofia, tem origem no pragmatismo inglês do século 18, que informou a bem sucedida revolução industrial inglesa. Respondendo ainda a sua última carta, quero dizer-lhe que, compreendo seu desengajamento da realidade e do drama brasileiro. O redimensionamento do mundo, a certeza que já não é mais o centro das decisões e que o futuro não lhe pertence, exacerbou a inteligência européia em prejuízo de sua conexão com a realidade. Por exemplo - nos últimos anos a resistência - suicida dos camponeses vietnamitas à violência tecnológica, influenciou mais nos destinos da humanidade do que todas as panacéias intelectuais elaboradas nas retortas européias. Em conclusão: os problemas que inquietam e afligem a nós brasileiros nos solidarizam com mais de 3/4 do gênero humano. Portanto, estes problemas não "foram" como pensa, nem "irão" em futuro próximo como prevê. A alienação brasileira, enorme, sem dúvida, é apenas uma das faces da alienação do homem moderno. Você, aí, está vendo - uma outra face desta alienação. Apenas isto. Você entendeu, como de costume, muito bem a carta que lhe escrevi em 20/12. Somente carregou nas cores e interpretou meus tartamudeios com a imaginação e o rigor filosófico que me faltam e lhe sobram. Na verdade, como ocidental, padeço da nostalgia do religioso. Sei, todavia, de ciência própria, que não tenho meios de preencher o vazio resultante do esgotamento dos valores judeu-cristãos que informaram toda a cultura de meus maiores. Admito, portanto, o fechamento irremediável do espaço transcendente. É tão incômoda esta situação que todos nós procuramos ultrapassá-la através de expedientes vários, antecipadamente malogrados. Por isto, não vejo como contemplando de baixo, a partir do meu núcleo, como você - pretende, eu poderia alcançar uma dimensão que não mais se encontra dentro de minha personalidade. Ainda tomando seu exemplo: eu posso contemplar a Basílica de São Zenão mas não tenho mais condições pessoais para absorver inteiramente o que se pretendeu - atingir com a sua construção. Os motivos que levaram milhares de pessoas durante mais de cem anos a quebrar pedras, lavrá-las e - juntá-las segundo um plano pré-estabelecido não só me escapa, mas também me parece menor, diante, digamos, dos problemas de alimentação e alojamento dos próprios operários empregados nas obras. No entanto, Deus ocupava um espaço tão grande dentro dos doadores, arquitetos e operários que edificaram a Basílica que todo o seu esforço era amplamente gratificado. Pois, hoje, o mundo ocupa dentro de nós o lugar de Deus. A sua permanente preocupação -

segue ...

ADVOCACIA

JOSÉ BUENO DE AGUIAR
EDMUNDO ZENHA
BRIAND COLLIN FERREIRA

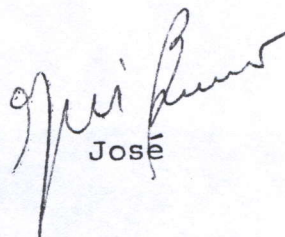
164
AVENIDA IPIRANGA, 104 - 7.º ANDAR
CONJUNTO 78 - TELEFONE 85-3804
SÃO PAULO, 4 Z. P. - BRASIL

fl.4.

meu caro Flusser com a renda "per-capita" e a política (que não agora é mais do que uma polêmica em torno da distribuição da renda entre a população) é uma prova concludente do que digo. O homem pré-cristão encontrava no dionisiaco um substituto para a indagação metafísica. A adoção pelo ocidente do cristianismo com seus valores judaicos e depois a máquina, nos fecharam esta saída. (Que o Milton, conciente ou inconscientemente, procura abrir usando o D.H. Lawrence como gazuá). Os sub-desenvolvidos ainda conseguem manter um pouco da alegria de viver, da amoralidade do homem pré-cristão. É verdade que vem perdendo paulatinamente esta força com a invasão dos valores ocidentais e com a avidês pelos produtos de sua indústria. A decadência de carnaval é um mau augurio para nós brasileiros. Ouvi, há pouco tempo, uma história que ilustra bem esta situação: os brasileiros que estudam na Universidade de Chicago resolveram fazer seu carnaval. Conseguiram um salão da administração da Universidade, fantasiaram-se como puderam e iniciaram a festa. O guarda do salão chamou um deles e lhe perguntou quem lhes pagava para fazer aquilo ... A obsessão erótica dos países mais desenvolvidos da europa talvez tenha a mesma raiz: a procura de uma solução carnal para a crise metafísica que os assola. O diabo é que o erotismo no ocidente resvala, quando não cai na pornografia pura e simples e, assim, perde seu elan vital. Estou, de novo, trabalhando com determinação e realizado alguns negócios, o que não costumava fazer por preconceito ou falta de tempo ou por ambos estes motivos. Você e Edith têm nos feito muita falta. Para os que se habituaram com sua companhia e sua incessante curiosidade intelectual é desoladora sua ausência. Seus leitores (você os tinha, muito fiéis, de resto) reclamam sua ausência. Zenha é um deles.

O Vic já está conosco e o Miguel passou por aqui com notícia suas e da Dinah

Não me deixe de manter a par de seus endereços. Lembranças a Edith e um cordial abraço do


José

VILÉM FLUSSER

Kufsteinerstrasse 4, 3. Stock, Muenchen 27, BRD

Merano, 17/3/73

Meu caro José, sua carta de 12, como sempre acontece com suas cartas demasiadamente raras, provocou em mim uma torrente de pensamentos, sentimentos e saudades. Limitarei a resposta a dois assuntos: (1) tua e minha posição no meio dos acontecimentos, e (2) a base existencial do nosso estar-no-mundo. (1): Tudo o que você diz com respeito à França, (e por implicação à Europa dos 9), é verdade, mas não capta a ponta da lança dos acontecimentos, e portanto passa a ser totalmente falso. Resumindo brutalmente a ponta da lança: A Europa dos 9 se vê, repentinamente, e contra a própria vontade, lançada como segunda potência mundial do ponto de vista econômico e político, e virtualmente como primeira potência mundial, inclusive militarmente, para os anos 80. Veja a recente reunião monetária em Paris: a América ficou humilhada pela Europa na reorganização do comércio mundial, o Japão se revelou tigre de papel, a Rússia deverá arcar com as decisões sem ter sido consultada, e o terceiro mundo, (o qual acabará pagando a conta toda), ficou reduzido ao papel de observador representado pela Indonésia. (De passagem: os planos "desenvolvimentistas" subdesenvolvidos deverão ser todos reformulados diante do bloco-colosso euro-africano que surgiu em Paris com suas barreiras alfandegárias, bloco este no qual a África passa a retomar o papel clássico de colônia). Pois os europeus não têm a mínima vontade de voltarem a constituir a "grandeza". Mas sabem que, se não aceitarem o papel, (se por exemplo torpedearem Strasbourg e Bruxelas, como querem as esquerdas), serão balcanizados e que o bem-estar material sem paralelo na história da humanidade no qual vivem, (inclusive sem paralelo nos EEUU, a despeito das estatísticas), ficará ameaçado. O resultado de tal contradição é a tentativa de re-orientação em todos os campos da vida, e é esta a minha situação: assisto a isto. Não resta dúvida e tens razão: a Europa é o lugar da história, no sentido de ser o centro de praticamente todas as decisões tomadas desde o século 5 a.C., e no sentido de ser sociedade de 300 milhões de pessoas politizadas que habitam as paisagens mais cultas e belas do mundo e carregam nas costas o fardo de modelos milenares. Mas isto não significa apenas, como você diz, que o passado se injeta constantemente no presente e futuro, mas também que presente e futuro são terrenos viáveis. Exemplos: o socialismo é, como você diz, um modelo romântico, mas não obstante vivo e transformável. Nenni é diferente de Mitterand, Brandt diferente do Labour, a Suécia diferente da Bélgica, e toda espécie do gênero "socialismo" é intensamente "fim do século 20 e começo do 21". Nada têm de arcaico estes movimentos, porque nenhuma visa a distribuição dos bens, e todos visam, cada qual à sua maneira, uma sociedade "fraternal" a substituir o patriarcalismo. Os temas de contenda não são impostos e salários, mas creches, universidades, horários de trabalho, reformulação da família e da cidade, utilização do lixo, poluição, reformulação da psiquiatria, e outros slogans tomados a esmo da discussão francesa e italiana. E em comparação com isto que a problemática brasileira me paerece "passada". De modo que sua análise se adequa à Europa dos anos 60, mas não à dos anos 70. Quanto ao papel da América, também concordo com você com esta ressalva: há numerosos sintomas de uma reversão da relação América:Europa, e, se não me engano, há mais indícios de decadência lá que na Europa. A era americana pode bem ter começado em 1870, (como você sugere), mas pode bem encerrar-se pelos anos 1980. Eis pois a minha posição no meio dos acontecimentos: assistir um tanto atordoado à reorientação da sociedade. Por exemplo: tentar compreender que a linha russa, (que vista de sua posição é ferro velho), está adquirindo facetas inteiramente surpreendentes na Itália e na França, (anti-desenvolvimentistas e "ambientistas").

Quanto a você, tens toda razão em dizer que estás em sociedade que representa 3/4 da humanidade e, neste sentido quantitativo, o seu futuro. É claro também que neste sentido os problemas brasileiros são os do futuro. Acrescentarei ainda que os acontecimentos que acabo de descrever no parágrafo precedente são possíveis em grande parte apenas porque se fundamentam sobre a exploração desses 3/4 da humanidade, e, neste sentido, os problemas tipo brasileiro são também europeus. Mas ao dizer isto, já estou explodindo o teu argumento. Os camponeses vietnamitas tiveram efetivamente influência muito gran-

VILÉM FLUSSER
de, (não exageremos, não maior que os camponeses europeus, apenas mais visível justamente porque tentaram, (em vão creio), resolver os problemas tipo brasileiro de forma inconveniente ao estabelecimento. É esta a razão porque o Chile é o único país latino-americano que interessa aqui, (Cuba já foi enquadrada). Em outros termos: os 3/4 da humanidade são seu futuro no sentido de fundamento dos acontecimentos do tipo europeu, e no sentido de objetos de manipulação por decisões do tipo europeu. E passam a interessar apenas quando se rebelam contra o papel que o futuro lhes reserva. É um dos métodos de realizar tal futuro é fazer com que os 3/4 da humanidade não se dêem conta disto e vivam, não a terrível realidade que acabo de descrever, mas em mundo de fantasias. Esta é, a meu ver, a sua posição no meio dos acontecimentos: você vive em meio de fantásticas ideologias, e teu papel é perfurá-las na medida do possível. Seria, obviamente, também o meu, se tivesse ficado, ou se voltasse. Mas sei não apenas da pouca competência que tenho, e da falta de meus meios, (por exemplo: onde publicar a estas alturas?), mas também que com isto estaria perdendo o verdadeiro futuro dos acontecimentos: não o quantitativo, mas o qualitativo.

(2) A pergunta: Que devemos fazer? Perfurar ideologias ou assistir atordoados os verdadeiros acontecimentos? só terá sentido se for possível responder à outra: Tem sentido fazer algo? Concordo infelizmente com você que o problema do "sentido do sentido" (meaning of meaning), é o nosso, mas discordo da sua interpretação do fato. Você crê que o sentido de todos atos humanos é necessariamente um "último sentido" que transcende a todos. A Basílica de S. Zeno é resultado de um esforço significativo, (meaningful), porque seu último sentido foi Deus. Agora este sentido nos escapa, e por isto não podemos receber a mensagem de S. Zeno. (Se isto for verdade, não apenas Deus, mas toda comunicação significativa, inclusive toda arte, morreu.) Já que você não vê último sentido algum, você crê e vive como se não existisse sentido em nada. Eis a minha visão da coisa: Não pode existir um último sentido, porque, se existisse, não teria, por sua vez, sentido. De modo que estou diante de uma redução de sentidos ao infinito, e isto é a minha visão abismal da morte de Deus. Mas também a visão da minha liberdade. Sou eu quem estabelece um último sentido para mim, por minha recusa existencial, (embora não intelectual), de ir além dele. Liberdade portanto dentro de uma restrição auto-imposta, e nascida, (confesso), de des-espero. Pois este último sentido para mim é, vagamente, o rastro que deixo nos outros. Se você quiser ser maldoso, pode chamar a isto: busca de fama. Mas se você quiser ser bondoso, pode chamá-lo "estar-aqui-para-os outros". (Isto explica, entre outras coisas, a presente carta: você é meu outro). De modo que tudo que faço passa a ter sentido: comunicar-me. Desde que não indague no sentido de tal sentido. E posso comunicar-me mais livremente aqui que na minha situação brasileira. Como justificativa da minha escolha? Intelectualmente cômoda, sim, mas não existencialmente. A saudade que sinto por você é disto prova. E prova disto é também a ansiedade com a qual espero por tua resposta, especialmente para ver se você concorda com minha diagnose do teu "estar-no-mundo".

Seja abraçado, e os seus.